



CORRERIA LOKA: UMA LUTA SUBVERSIVA PELA SOBREVIVÊNCIA

Menderson Rivadávia Alves Amaral*

RESUMO

Etnografia sobre vivência com jovens trabalhadores precários do tráfico de drogas em algumas favelas da Região Metropolitana de Belo Horizonte refletindo sobre o lugar do trabalho na sociedade contemporânea. Através da análise hermenêutica proposta por Geertz, busca-se analisar os códigos culturais compartilhados nos corpos e os modos e estilos próprios dos jovens favelados e como eles se relacionam com as vivências subversivas dentro do espetáculo urbano das grandes cidades. Busca-se ainda analisar o crime como categoria socialmente construída e como o sistema penal brasileiro passa pela “acumulação cultural da violência e do racismo”.

PALAVRAS CHAVE: Favela. Tráfico de drogas. Racismo. Criminalidade. Trabalho precário.

ABSTRACT

Ethnography of experience with young precarious workers of drug trafficking in some slums of the metropolitan region of Belo Horizonte reflecting on the place of work in contemporary society. Through hermeneutic analysis proposed by Geertz, we seek to analyze shared cultural codes in the bodies's own ways and styles of young slum dwellers and how they relate to the subversive experiences within the urban spectacle of big cities. We also look to analyze crime as a socially constructed category and how the Brazilian penal system goes through “cultural accumulation of violence and racism.”

KEYWORDS: Slums. Drug traffic. Racism. Criminality. Precarious work.

Era noite de um final de semana quando cheguei ao Aglomerado da Serra, Belo Horizonte–MG; as ruas e becos estavam cheios de gente, vários sons: vozes, RAP, risadas, crianças chorando, jogando bola, assobios, pagode, chinelos batendo nos degraus dos becos e, claro, muito funk! A favela estava viva, tudo pulsava nela. Desci a enorme e estreita escadaria que chegava ao *barraco* onde estava rolando a festa. Basta enfiar a mão em um vão que existe no portão para conseguir abri-lo. Subi mais um grande vão de escadas até chegar numa varanda que tinha vista para todo aquele mundo de luzes que vinham dos barracos que se estendiam pela vastidão das montanhas. A noite se fez festa. Certo momento, já com muita gente pelo barraco, música, dança, risadas. *O cara* me levou para um quarto, fechou a porta e rindo no canto da boca disse: “*ocê não tá querendo saber o que é o tráfico? Vou te mostrar então o nosso principal instrumento de trabalho...*”. Abriu a porta de uma cômoda que estava no quarto e foi possível ver vários revólveres amontoados, ele pegou um calibre 38 e colocou na minha mão. “*Pega direito, Zé, tá travada!*” disse ele muito calmamente e rindo da minha não-experiência com aquele objeto. Pus o dedo no gatilho.

Metodologia espinhosa

O texto nasce de um trabalho de campo com o objetivo inicial de etnografar o modo como vivem alguns jovens “trabalhadores precários do comércio ilegal de drogas” (TELLES e HIRATA, 2010), os *molekes correria*. [1] O trabalho de campo foi guiado por conversas informais (o trocar ideia) e vivências em campo intensamente acompanhadas pelo *olhar*, observando os diversos *símbolos compartilhados* [2] nos corpos e na vida dos jovens. Um esforço para penetrar na dimensão humana e social destes jovens enquanto moradores de comunidades periféricas, rompendo com os estereótipos do traficante “cruel, drogado, descontrolado e incorrigível”. Percebe-se o “Tráfico de Drogas” não como uma “entidade abstrata responsável pelos males da civilização urbana” (*idem*, 2010), mas sim como uma “rede proliferada e diversificada”, onde os jovens moradores de favela ficam na ponta de todo o processo, sendo os mais sujeitos às violências do Estado e da vida no crime.

Durante a pesquisa houve vários atravesamentos moralistas e burocráticos institucionais que giravam em torno de um tema e um campo tão delicado, ou, como disse uma das professoras que me orientou: “um tema um tanto espinhoso”. “Subversivo”, diria eu. O registro dos dados foi algo difícil para um trabalho que duraria uns 10 meses, houve sérias discussões sobre gravar entrevistas e, pensando no sigilo dos jovens, optou-se por não usar o gravador. Grande parte do material foi fruto de um caderno de campo onde fazia minhas anotações do exercício intenso do olhar e da vivência com os jovens e as comunidades envolvidas.

Os jovens “falam” com grande significância através do *corpo*: gestos, adereços, modos de vestir, tatuagens que expressam e dão significado às suas experiências. “Nas sociedades complexas, o *corpo* é um mapa cultural, ele fala, explica com plena e espontânea autonomia” (CANEVACCI, 1993). Falar de jovens moradores dos “lugares proscritos” (WACQUANT, 2010) nos força a perceber toda uma dinâmica da exclusão social tecida nas grades cidades em um contexto onde os jovens compartilham uma ideia de *trabalho* cada vez mais esvaziada de sentido. A vivência dentro de algumas comunidades populares mostra uma intensa relação entre os “símbolos” compartilhados tanto pelos “jovens infratores” como pela grande parte da juventude moradora das periferias urbanas. A vivência nestes territórios periféricos faz com que os jovens compartilhem *padrões culturais* (GEERTZ, 1989) que são carregados pelo *estigma da segregação territorial*, marcando a diferença destes jovens como *marginais* dentro do espaço urbano.

O conceito *território* aqui deve ser entendido em suas dimensões contemporâneas e não se trata apenas do “espaço vivido” pelos indivíduos ou de seus aspectos físico-geográficos, mas um espaço em que eles se sentem “em casa”, do “pedaço”, “que supõe uma referência espacial, a

1. Modo como em algumas comunidades são chamados os jovens que vendem drogas. O termo remete ao conceito usual nas favelas do Rio de Janeiro: *falcão*, que inspirou o título de um dos trabalhos pioneiros sobre o tema escrito pelo rapper MV Bill e Celso Athayde: *Falcão: meninos do tráfico*.

2. “Pensar consiste não nos ‘acontecimentos na cabeça’, mas num tráfego entre aquilo que foi chamado por Margareth Mead e outros de *símbolos significantes* – as palavras, para a maioria, mas também gestos, desenhos, sons musicais, artifícios mecânicos como relógios, ou objetos naturais como joias – na verdade qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para impor um significado à experiência” (Geertz, 1989).

3. “O estilo não é simplesmente um conjunto de traços que se pode observar num artefato, ele pressupõe uma criação consciente, uma eleição intencional de um conjunto de traços com um princípio de ordenação. Uma distinção de um padrão” (ABRAMO, 2010).

presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles” (MAGNANI, 1984). E são nesses territórios que os sujeitos criam *estilos* [3] que manifestam *traços de vidas* (PAIS, 2003) marcados pela *rebelia* e pelo *estigma* que produz sua invisibilidade na cidade oficial e formal.

Cabe ressaltar que o “tráfico de drogas” está inserido em um longo processo histórico e globalizado, mas são as tessituras, os modos próprios de territorialidade nas interações com as eventualidades locais que se interessa ressaltar. Foi preciso analisar a cidade e o cotidiano “numa perspectiva descritiva”, vendo que o trânsito impreciso entre o legal/ilegal, formal/informal, está presente e faz parte das dinâmicas das cidades que são atravessadas por uma enorme tessitura de ilegalidades que estão emaranhadas nas práticas urbanas e em seus circuitos, tornando incertas as diferenças entre trabalho precário, emprego temporário, atividades ilegais, clandestinas e delituosas.

A representação das favelas e dos favelados — contexto da metrópole mineira

Algo evidente no planejamento urbano de Belo Horizonte, desde sua construção, é a sua desigual organização espacial que se mostra em grande parte agressiva à efetivação do direito à cidade e ao uso igualitário e plural dos seus recursos, riquezas, serviços, bens e oportunidades disponíveis. Observando o território urbano da capital mineira e sua região metropolitana percebe-se que existe uma diversidade cultural, social e étnica que acabam sendo marginalizadas nos espaços urbanos e silenciadas por pressões econômicas, políticas e processos discriminatórios. Este tipo de atitude gera invisibilidade de grupos culturalmente diversificados aos quais acabam sendo negadas políticas e serviços públicos, assegurando a reprodução social da diferença e a intensificação de processos discriminatórios. Desde a construção da capital é visível a sua inegável *segregação* espacial:

a ocupação do espaço urbano da nova capital foi planejada e sua planta tinha setores predestinados a diversas atividades, bem como à moradia de funcionários públicos, membros da elite e militares. No entanto, os operários, tão necessários à construção da cidade, como é ressaltado nos relatórios dos primeiros prefeitos, não tiveram espaço para morar. (LIBÂNIO, 2007)

Assim surgem as primeiras vilas e favelas na região central da capital, frutos de ocupações ilegais e irregulares do espaço urbano, alternativa encontrada para sanar o problema habitacional, embora em condições precárias, pois as áreas que restaram para tais ocupações foram apenas as áreas consideradas “insalubres ou inabitáveis”, como beiras de encostas, altos de morros ou terrenos degradados pela mineração, “territórios fora do interesse do capital e dos grupos dominantes” (SILVA, 2005). Antes mesmo de sua inauguração, a capital já contava com o número de três mil pessoas morando em ocupações urbanas (URBEL, 2014).

Por mais que atualmente as favelas venham ocupando espaços significativos, principalmente na mídia, este conceito ainda é complexo e acaba por produzir um efeito imediato de reconhecimento, “seus sentidos passaram a ser partilhados e generalizados. Todos concordam a respeito do que é uma favela, todos são capazes de visualizar e de identificar claramente uma favela” (PANDOLFI, 2003). Esta familiaridade que temos está distante do universo real das favelas. A imagem mediada pela mídia tem como consequência a pasteurização e homogeneização da representação destas áreas periféricas. O que é “visto” são apenas as suas características físicas, as “marcas externas aparentes”, o barraco, o beco, os pobres, os marginais, a violência, os traficantes. No imaginário coletivo, elas continuam sendo estereotipadas, condenadas e criminalizadas.

Foi a partir do “Morro da Favella” [4] no Rio de Janeiro que se passou a associar o termo “favela” à imagem de um “lugar perigoso”, lócus da marginalidade e da desordem, “o lugar dos malandros e marginais por excelência” (*idem*, 2003). O crime e o tráfico ganharam uma supervalorização nos discursos da imprensa, gerando uma visão estereotipada dos moradores desses locais, vendo-os como relacionados à criminalidade ou como criminosos em potencial. Este discurso só ajudou mais na estigmatização territorial das favelas e de sua condenação. Uma fratura social que, por sua vez, coloca em risco toda a coesão social existente.

A partir da década de 1990 e dos anos 2000 houve novas transformações nas representações das favelas, porém elas continuam sob a ótica das ilegalidades e principalmente da criminalidade, como o “lugar do tráfico de drogas”, trazendo um novo modelo de marginalidade e convivência com a violência e uma nova dinâmica social para as famílias. Os *patrões* [5], os envolvidos com a *correria* [6] e os “usuários de drogas” são apresentados cotidianamente na mídia sob a face cruel e fria. O criminoso morador das favelas passou a ser visto não mais como o “bom selvagem e protetor da comunidade”, mas como um “monstro, alguém com os valores completamente diferentes dos dominantes da sociedade, cruel, drogado, descontrolado, incorrigível” (LIBÂNIO, 2007).

O território visto como base de identidade construiu ao longo dos processos históricos a noção de “lugar social de onde falam os sujeitos”. As favelas marcadas como “espaços informais” devido à ausência de determinadas normas urbanas legais, são diferenciadas do asfalto-bairro, lugares formais e legais da cidade. Esta dicotomia acaba por gerar a noção de que estas áreas estariam condenadas, de fora da *pólis*, “vistas como externas e estranhas à cidade”. “Sendo assim, o reconhecimento da cidadania é relativizado de acordo com a cor da pele, o nível de escolaridade, faixa salarial e o espaço de moradia” (SILVA, 2005):

a favela não é um problema nem uma solução, é uma das mais contundentes expressões das desigualdades que marcam a vida em

4. “Morro da Favella” ou Morro da Providência, marco inaugural dos lugares de pobreza do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX, identificado como problema higiênico, estético e populacional dando origem ao termo *favela*, nome de uma planta que urtiga a pele de quem a encosta. “Foi a partir do ‘Morro da Favella’ que se começou a generalizar, na imprensa, a associação do termo ‘favela’ à imagem de um lugar de ‘perigo’ e ‘desordem’. A favela já era o lugar de malandros e marginais (...)” (SILVA, 2005).

5. Como é chamado o “chefe” local da boca de fumo.

6. Nome dado ao trabalho do tráfico pelos jovens moradores de periferia.

7. Os nomes utilizados são ficcionais e para manter o sigilo não identificarei as comunidades às quais cada ator pertence.

8. *Movimento* é usado para designar o trabalho do tráfico.

9. As falas dos atores foram coletadas durante o trabalho etnográfico e registradas em caderno de campo. A utilização de gravadores foi suspensa para manter certa segurança dos registros coletados.

10. Seis meses depois na pesquisa, quando comecei a construção do texto, soube que Leo largou o emprego e voltou para o tráfico.

11. *Pista* pode ser tanto o ponto onde se vende droga ou outros lugares de movimentação social dos sujeitos, *ficar na pista* é uma gíria usada pelos jovens do tráfico para dizer que estão “trabalhando”, vendendo drogas ou para grande parte dos jovens das comunidades dizerem que estão em algum lugar específico da favela.

12. Óculos, principalmente os de sol (usam mesmo estando à noite).

13. *Cabuloso, doidimais (doido demais), nervoso* são algumas palavras utilizadas para dizer que a coisa é nervosa (do mal) ou que é muito legal dependendo do contexto da fala.

14. *Brisado* é utilizado para falar dos olhos caídos ou avermelhados de quem fumou um *baseado (maconha)*: “é quando o cara vê que o outro fumou um baseado”.

sociedade em nosso país, em especial nas grandes e médias cidades brasileiras. É nesse plano, portanto, que as favelas devem ser tratadas, pois são territórios que colocam em questão o sentido mesmo da sociedade em que vivemos. (SILVA, 2005, p. 91)

As favelas são heterogenias marcadas por grandes diferenças, inclusive dentro de uma mesma comunidade é possível ver muitas disparidades habitacionais, econômicas e culturais. São nestes territórios marcados pela exclusão que podemos ver as expressões mais contundentes de ilegalidades cotidianas, desde as (ir)regularidades de suas moradias e os “trabalhadores precários da droga” aos gatos de água e luz, jogos de caça-níqueis e o comércio de produtos falsificados. A favela sempre foi e continua sendo o lugar de ilegalidades que mantém uma intensa relação com as dinâmicas urbanas modernas (TELLES e HIRATA, 2003).

Esta relação com as ilegalidades não é algo limitado às favelas, encontramos na própria dinâmica urbana uma zona cinzenta na qual não se distingue com clareza as fronteiras do legal, ilegal, formal, informal, lícito e ilícito. É o que Ruggeiro vai chamar de “bazar metropolitano”, uma fronteira “embaralhada” dos mercados legais-ilegais que encontramos como parte da própria dinâmica das grandes cidades. Quando se coloca a cidade como perspectiva pode-se ter uma percepção mais clara sobre as diversas “mobilidades urbanas” onde as periferias e as suas diversidades de “trajetórias” particulares estão intimamente conectadas.

Jovens na correria

Leo [7] não é mais do *movimento* [8], mas “quem é da boca é da boca, leva o nome da boca pra sempre” [9], como ele mesmo chegou a afirmar [10]. Ele mora de frente para onde os *moleques* ficam na *pista* [11] e conhece todos, afinal todos eles nasceram e cresceram ali na vila, “aqui todo mundo conhece todo mundo”. Jovens comuns com seus 16 aos 19 anos usavam moletons, camisas de time, bonés, correntes, bermudões, *lupas* [12], chinelo, tênis de marcas específicas; nos braços e pernas, tatuagens. As mais visíveis eram alguns escritos no braço: “fé em Deus”, “vida loka”, o próprio nome, o nome da mãe. Uma em especial me chamou atenção, era o rosto de um palhaço *cabuloso* [13], suas feições demonstravam uma espécie de “loucura” misturada com raiva e tinha os olhos *brisados* [14]. Um deles me disse que ter uma tatuagem de palhaço como essa era *lombrado* [15], pois este tipo de palhaço impresso nos corpos representava a disposição de roubar, o 157 [16], ou o ódio, a treta [17] com os policiais. A “imagem falante” fala de uma relação de resistência e enfrentamento às autoridades.

Os cortes de cabelo também apresentam certas regularidades: vários moicanos, algumas vezes se destacavam os cabelos

descoloridos ou pintados de cores intensas e vivas como o vermelho e o rosa, que em algumas comunidades serviam para identificar a que região o jovem pertencia ou em qual boca ele trabalhava. Alguns tinham as sobancelhas talhadas que eram acompanhadas por desenhos e formas em seus próprios cabelos.

Cordões de prata ou imitações, assim como pulseiras de borracha de variadas cores e em especial as de cores vermelha, amarela e verde, fazem alusão à Jamaica e ao cantor jamaicano Bob Marley, que tem seu rosto e suas cores grafadas também em tatuagens, bermudas e camisas. São estes alguns dos vários símbolos que foram compondo os corpos destes jovens moradores de favela, arranjando-se em uma espécie de cultura juvenil da periferia, que possui uma intensa relação com a cultura juvenil globalizada. É desta maneira coletiva que as experiências dos jovens se expressam “por meio de estilos de vida distintos, marcados e identificados por meio do consumo de determinados produtos da cultura de massa como roupas, músicas, adereços, formas de lazer” (MAGNANI).

Oh Zé a vida do crime é tipo três botões... um verde, que é a solidão, o amarelo que é a angústia, e o vermelho que é a morte, aí já era... o cara tem que saber aproveitar antes do vermelho. [18]

Os caras vivem a “um só momento”, o aqui e o agora, “tem de ficar esperto, não pode boiar [19] se não os verme [20] te pega”. O perigo pode se instalar a qualquer momento, por isso sempre em suas falas é possível perceber a coragem com que têm de conviver com a morte, a angústia, a prisão, o sofrimento. Passar por esses processos e principalmente pela prisão são experiências que aumentam o seu valor no movimento. [21]

Sentado com dois jovens conversamos coisas comuns da vida, difícil era chegar às abordagens da pesquisa, os caras sempre querem trocar ideia, contar histórias, riem e zoam muito. [22] Acabei tendo mais acesso aos jovens e tudo se tornou um riquíssimo material. Os motivos para começar a vender droga passam grande parte pelo mesmo discurso, o da “vida boa, dinheiro fácil”, “é melhor que ralar [23] pra caralho [24] pra ganhar uma mixaria [25]”:

Oh, a maioria dos caras querem zoar, curtir mesmo. Muitos dos menores da boca não juntam dinheiro, quase todos gastam no próprio consumo de drogas, maconha e cocaína. Para curtir mesmo. Além do investimento nos panos [26] né zé?

Mas não é só isso [a curtidão], eu, por exemplo, ajudo minha mãe no barraco, to ajudando a construir os fundos, cada um é cada um né mano,

15. *Lombrado* é usado para dizer de algo ou lugar perigoso, principalmente se tratando de polícia. Às vezes designa preguiça, indisposição ou o efeito do uso da maconha.

16. Chama-se de 157 quem se dedica às práticas de roubo.

17. *Treta* é o mesmo que problema, briga, confusão.

18. Informações retiradas de anotações em caderno de campo no dia 01/03/2012.

19. *Boiar* é utilizado para dizer quando uma pessoa “dormiu no ponto”, quando deu um vacilo, deu mole, ou bobeira. Diz de quem está distraído.

20. Os vermes são tanto os policiais como os “inimigos” da boca.

21. *Movimento* é como costumam chamar o comércio de drogas; se diz que o jovem é do movimento.

22. Quase tudo é motivo de zoação, principalmente questões ligadas à homoafetividade, o que, para mim como homossexual, nunca soou como algo excludente ou preconceituoso, mas apenas uma questão de acumulação social da heteronormatividade em nossa cultura. Em várias conversas minha sexualidade entrou em jogo e as falas eram claras “oh Zé agente num tem preconceito não, fica de boa, à vontade, agente tem de aceitar as pessoas do jeito que elas são”.

23. Ralar é o mesmo que trabalhar.

24. *Pra caralho* é utilizado na maioria das vezes para demonstrar exagero em alguma coisa.

25. *Mixaria* é o termo utilizado para designar uma quantidade pequena de alguma coisa. Neste caso pouco dinheiro.

26. *Estar nos panos* é estar bem arrumado, com roupas, tênis e boné de marca, perfumado, correntão de prata ou ouro.

27. Informações retiradas de anotações em caderno de campo no dia 01/03/2012.

28. Roubar.

29. Caderno de campo: 01/03/2012.

30. Donos da boca.

31. Um quantidade considerável.

32. Para Abramo “o estilo não é simplesmente um conjunto de traços que se pode observar num artefato, ele pressupõe uma criação consciente, uma eleição intencional de um conjunto de traços com um princípio de ordenação. Uma distinção de um padrão.”

faz o que quer (...), mas dinheiro do crime é tudo amaldiçoado, vem rápido e vai rápido. [27]

A juventude está inserida na trama do consumo de massa globalizado, as grandes mídias, a internet e os espetáculos dos Shoppings Center propagam de forma muito rápida os produtos de consumo do nosso tempo: roupas, celulares, tênis, etc. Numa sociedade em que o consumo se tornou a forma básica de serem reconhecidos como “cidadãos”, estes jovens, excluídos das tramas oficiais, querem arranjar um modo de consumir estes produtos sem precisar passar pelas “humilhações do mercado de trabalho”. Leo conta que começou a se envolver com o crime aos 13 anos de idade (hoje tem 18). Quando ele era menor, a vontade de ter “um Nike, uma blusa massa”, celulares e viver solto na favela, com pai viciado em crack, fizeram com que ele e seus amigos da época descessem o morro e fossem para o bairro mais próximo meter a fita [28].

A gente ia direto pro asfalto, acertava os playboy tudo, cara, e voltava nos panos, as novinha chiava fii. [29]

Embora para estes jovens que estão na ponta do processo do dinheiro não seja tão farto quanto a grande circulação dos patrões [30] e do próprio narcotráfico, passa um bocado [31] de dinheiro em suas mãos. E como é “pelo estético que se estabelece a relação com o consumo”, estes jovens buscam os produtos da cultura de massa, mas os reapropriam e os recriam em um estilo próprio [32], adicionam novos elementos para a construção deste “corpo espetáculo” que vai e vem pelos becos e vielas de sua comunidade, como nas ruas das grandes cidades. E não são apenas os jovens do mundo do tráfico; grande parte dos moradores das comunidades populares urbanas compartilha deste estilo visual. Boné, correntes, camisa de time, bermudão e chinelo significa, portanto, “potencial marginal” para os agentes da segurança pública.

Em muitos casos também o dinheiro é utilizado para o sustento da família e a ajuda em casa. Fernandinha e Cássio foram casados por 5 anos. Enquanto eram casados, com uma filha pequena, eram do movimento e todo o dinheiro era aplicado na casa e nos bens para eles viverem. Tinham barraco, carro, duas motos e “comíamos do bom e do melhor Zé... eu era rainha e não sabia, mas tudo acaba né? Mas tudo que tenho que me ajuda a viver hoje foi com dinheiro do tráfico, hoje luto como posso”.

Terror, hoje com 20 anos, contou como rodou [33] no seu aniversário de 18 anos. Dizia que sempre era pego, mas nunca ficou retido no sócio educativo [34] até o dia do seu aniversário. Depois de comemorar foi dormir, e, como era de costume, colocou o ferro [35] debaixo do travesseiro. Na época estava em guerra [36]; no seu relato Terror disse que estava dormindo quando os policiais chegaram metendo o pé na porta de sua casa, rendendo seus pais e indo direto para o seu quarto.

Quando os homi [37] sentaram o pé na minha porta eu acordei assustado e achei que fosse os alemão [38] e dei um tiro que acertou no ombro de

um dos policiais, quando vi que era os homi pulei a janela do meu quarto, mas não consegui fugir, estava cercado na porta da minha casa por duas blazona. [39] Foi quando um dos policiais me deu um tiro no joelho e tive de me render. [40]

É preciso ter cuidado ao analisar os relatos, os jovens exageram, aumentam um ponto, mas a situação real sempre aconteceu. Parece ficção, mas a história é real, exagerada ou não. Tive oportunidade de conhecer a mãe do Terror, que confirmou o relato, e sua filha, que segundo ele é o grande motivo de ter saído da vida do crime. A cicatriz e uma perna pouco manca relembram o acontecido:

Depois que eles me algemaram no meio da rua cheia de moradores da comunidade, eles me levaram pra um terreno baldio e disseram que só não iam me matar porque a comunidade tinha visto tudo... Mas fiquei horas sendo torturado, um dos policiais atirava pra cima e com o cano quente do revolver colocava na ferida da outra bala, além de me darem muito murro na cara... Desacordei e só me dei conta quando estava no hospital... Fui condenado por um ano e oito meses. [41]

Na cadeia o tempo é diferente; Leo *rodou* com 14 anos de idade e ficou 3 meses cumprindo medida socioeducativa, mas quando saiu foi logo para a boca. Mesmo Terror, com a filha, hoje ainda vende *algumas coisinhas*. O tempo na cadeia é representado pelo tédio, pela falta do que fazer e pela inutilidade das medidas punitivas.

O sócio educativo não resolve de nada, imagina você num quartinho minúsculo, igual aquela banca de revista ali, com um tanto de neguinho, tudo do corre, cada um mais cabuloso que o outro, como é que você quer que melhore? Zé, a divisão é clara, é por classe social, você só vê favelado na cadeia. Num vai melhorar, tem que investir em educação, cultura... A cadeia é escola pra vida do crime. [42]

É a “oficina do Diabo”; o Piolho, moleque de 18 anos, ficou preso como réu primário por tráfico de drogas portando em flagrante 45 papelotes de crack. Foi condenado por 6 meses e conta que enquanto estava na cadeia pode fazer até mais contatos do que já tinha, descobriu quem tinha dinamites, armas potentes para vender e conseguiu até administrar o resto das *mercadorias* que ficaram *entocadas* [43] na favela. “Foi um período de férias, foi bom até pra engordar e aprender na marra sobre a vida na rua, num tem nada pra fazer”.

O crime como construto social: cadeia para quem?

O crime é uma categoria socialmente construída, seja de qual for sua natureza. Ao longo do processo de construção de uma nação e consequentemente de suas leis, vai-se definindo o que está e o que não está dentro das *legalidades*, sempre em nome do bem-estar social e da harmonia e ordem da sociedade. Sabe-se, porém, que a realidade social ela mesma é conflituosa e caótica, os processos de narrativas nacionais

33. Rodar é o mesmo que ser preso.

34. Órgão responsável em Minas Gerais por elaborar e coordenar a política de atendimento ao adolescente autor de ato infracional. SEDS (Secretaria de Estado de Defesa Social).

35. Revolver.

36. As “guerras” às vezes vêm de desentendimentos entre bocas próximas, muitas vezes relacionados a roubo, mulheres e dívidas.

37. Os *homi* são os policiais.

38. As pessoas com as quais se tem desentendimento ou os inimigos da boca.

39. Blazer, carro da ROTAM (Batalhão de Rondas táticas Metropolitanas) da polícia militar de Minas Gerais.

40. Informações retiradas de anotações em caderno de campo no dia 28/04/2012.

41. Informações retiradas de anotações em caderno de campo no dia 28/04/2012.

42. Informações retiradas de anotações em caderno de campo no dia 01/03/2012.

43. Escondidas.

44. “Açougue humano”, como é conhecido a cidade do interior da Bahia Vitória da Conquista; uma das cidades com os mais altos índices de jovens negros mortos por *morte violenta por armas de fogo*, executados principalmente pela polícia e por grupos de extermínio de jovens negros.

e ideais civilizatórios acabam criando leis, regras e comportamentos morais enrijecidos diante da atual mudança política, comunicacional e cultural que estamos vivendo na sociedade contemporânea.

É ressaltado por Abdias Nascimento que no Brasil há uma violação crônica dos Direitos Humanos contra a população negra, parda e pobre. Verificando dados do Ministério da Justiça no período de 2005-2009, o número de encarcerados pelo Sistema Penal Brasileiro saltou de 361.402 para 473.626, ou seja, um crescimento de 31,05%. Dentre os *condenados* existe uma quantidade majoritária de jovens, negros/pardos e pobres (em grande parte também moradora das periferias urbanas). Existe uma relação intensa entre racismo, violência e extermínio da juventude negra e pobre. É o racismo incrustado nas instituições de segurança pública brasileira uma das causadoras de mortes violentas de jovens negros e pobres originários de camadas populares. Os *acontecimentos são naturalizados* e transmitidos massivamente pelas mídias, gerando um senso-comum de que o “bandido” tem que morrer ou ser *condenado da sociedade* e de que eles habitam estes lugares de pobreza, os nossos “*açougues humanos do Brasil*”. [44]

Na *criminologia crítica*, o Sistema Penal brasileiro é pensado como um instrumento de controle, repressão e extermínio de jovens negros e pobres; além de ser um sistema falido, as prisões não funcionam e não ressocializam (BATISTA & ZAFFARONI). Sabe-se muito bem para que serve a Segurança Pública em nosso país: defesa do “bem-estar” das classes dominantes e de seus patrimônios. Ela é atualizada na ação repressiva da polícia e vê os bairros periféricos como perigosos, territórios que devem ser vigiados e controlados para a harmonia da sociedade, a “criminalização da pobreza”.

O jovem negro/pardo é o principal alvo das abordagens policiais. A favela é vista como o lugar do outro na cidade e sua população tornou-se “*matável*” (SILVA & FRIDMAN, 2005). A ação repressiva e violenta por parte da polícia se tornou naturalizada e necessária, em nome da *guerra ao tráfico e ao uso de drogas*, do combate à delinquência e da assepsia social.

A “venda” e a “guarda” de “entorpecentes” só passou a ser criminalizada no Brasil em 1940, no título VIII do Código Penal: “*crime contra a incolumidade pública [...] Cap. 1 dos crimes de perigo comum*”. A sua repressão, no entanto, só foi se intensificar no período militar e em 1971 com a lei nº 5.726 que prescreve o endurecimento de medidas penais para tal crime. Mas o grande ápice da repressão, principalmente por parte dos policiais, começa na década de 90 quando foi declarada a “guerra ao tráfico” e tem como consequência a morte e condenação de milhares de adultos envolvidos na venda, tendo como resultado a entrada drástica de crianças e adolescentes no comércio ilegal da droga (MISSE, 2005).

O problema do tráfico nos parece, como é ressaltado por Michel Misse, um problema de ordem político-normativo, “uma visão normativa e

idealizada de cidadania que toma como referência uma polícia e um judiciário ideais em uma sociedade que não é ideal” (*idem*, 2005). Há uma presunção de que toda a sorte de conflitos de nossa sociedade sejam resolvidos por apenas um operador, o Estado que detém o monopólio legítimo da violência. Tudo isso passando entre as ideias da “patologização do homem violento” e a “criminalização da pobreza” que intensifica os processos repressivos. No “bazar metropolitano” pode-se perceber claramente o quanto umas atividades, sejam de que sorte for, são criminalizadas mais em relação às outras.

A miragem de uma “segurança antecipada” por pânico e o medo do perigo do que pode acontecer, mesmo não acontecendo absolutamente nada, é o que gera a noção desumanizada de vidas matáveis (MISSE, 2007). Podemos perceber esta ideia no “excesso de poder” dos policiais, que para grande parte da população estão apenas fazendo o seu trabalho diante da “acumulação social da violência” (*idem*, 2007) que não teve início com o tráfico de drogas, datando talvez da época dos quilombos, os primeiros espaços negros marginalizados de nossas cidades.

A dificuldade em mapear as redes de atacado e as inúmeras redes de varejo também é algo a se pensar; o que costumamos chamar de “Comando” se trata muito mais de uma “rede de proteção de presidiários do que uma organização formal e complexa” (TELLES & HIRATA, 2007). E são os varejistas de rua, justamente os jovens e adolescentes, que ficam na ponta deste mercado, os mais expostos à ação policial e os mais vulneráveis desta terrível guerra que a sociedade e o Estado declararam às drogas e aos seres humanos envolvidos com elas.

A alta lucratividade deste mercado tem atraído muitas crianças e adolescentes pobres para a venda e é um meio de ganhar “dinheiro fácil”, mesmo estando conscientes dos altos riscos de morte e prisão. Além do aspecto econômico, o que é preciso mais análise no trabalho de campo, os jovens também se envolvem com o caráter de “poder, fama e status”. Embora um “trabalho precarizado”, o crime aparece também como um estilo de vida que estes jovens resolveram trilhar.

As gírias a maioria vêm tudo da cadeia, lá dentro num pode falar claramente sobre qualquer coisa, então agente cria as gírias lá na cadeia e quando o cara volta, volta falando um tanto de gíria... a molecada acaba pegando, tipo coruja (cueca), dragão (isqueiro), lupa (óculos)... [45]

Daí se ocê é favelado, tá andando de bermudão, camisa de time, boné, chinelão e tiver uma corzinha, pode saber Zé, cê vai ser parado toda hora pelos homi na rua. [46]

A violência policial e de certo modo a violência gerada pelo tráfico, infelizmente, é uma preocupação diária de grande parte dos moradores da periferia, principalmente os jovens. No dia 30/05/2012 o Conselho de Direitos Humanos da ONU pediu do Brasil “esforços para combater a atividade dos ‘esquadrões de morte’ e que trabalhe para suprimir a polícia militar” [47], sintomas concretos de como recebemos historicamente a “acumulação social da violência”.

47. Jornal Tribuna Hoje do dia 30/05/2012, “ONU recomenda o fim da Polícia Militar no Brasil”.

48. Informações retiradas de anotações em caderno de campo no dia 01/03/2012.

49. Informações retiradas de anotações em caderno de campo no dia 15/03/2012.

Bandido e polícia é tudo a mesma coisa, a diferença é que os bandidos respeitam os moradores... As ações policiais são sempre um esculacho. Uma vez tava subindo eu e minha irmã, que tava com a filha dela no colo, no beco ali de baixo, passaram uns policiais e apontaram a arma na cabeça da minha sobrinha de oito meses, cara, em tempo daquela merda dar um pau e atirar na cabeça da menina... Já os bandidos não; outro dia mesmo eu e minha mãe, senhora de idade já, subindo pelo mesmo beco, tava passando a galera da firma, na hora eles esconderam as armas, deram espaço pra gente passar e ainda deu bom dia e perguntou como agente tava... Eles respeitam a população na maioria das vezes, só quando tão em guerra que a coisa fica feia (Lua, namorada de Leo). [48]

Os jovens falam de acordo com a abertura que você dá a eles, eles não estão muito interessados em responder perguntas, querem conversar, trocar ideia sobre assuntos variados. A humildade é algo muito importante entre eles e creio que seja um conceito riquíssimo para os trabalhos em antropologia. O respeito, o aperto de mão, dar as bênçãos de Deus em grande parte são códigos de conduta consideráveis e permitem a sinceridade e abertura na conversa; sempre dizem que o cara tem de ser humilde e que é possível perceber isso no jeito que o cara chega pra conversar com eles, “agente não é bicho, só tem as nossas tretas e são nossas tretas e de mais ninguém”. O respeito é sempre cobrado, principalmente com os moradores que veem nos “bandidos” uma forma mais confiável de segurança dentro das favelas.

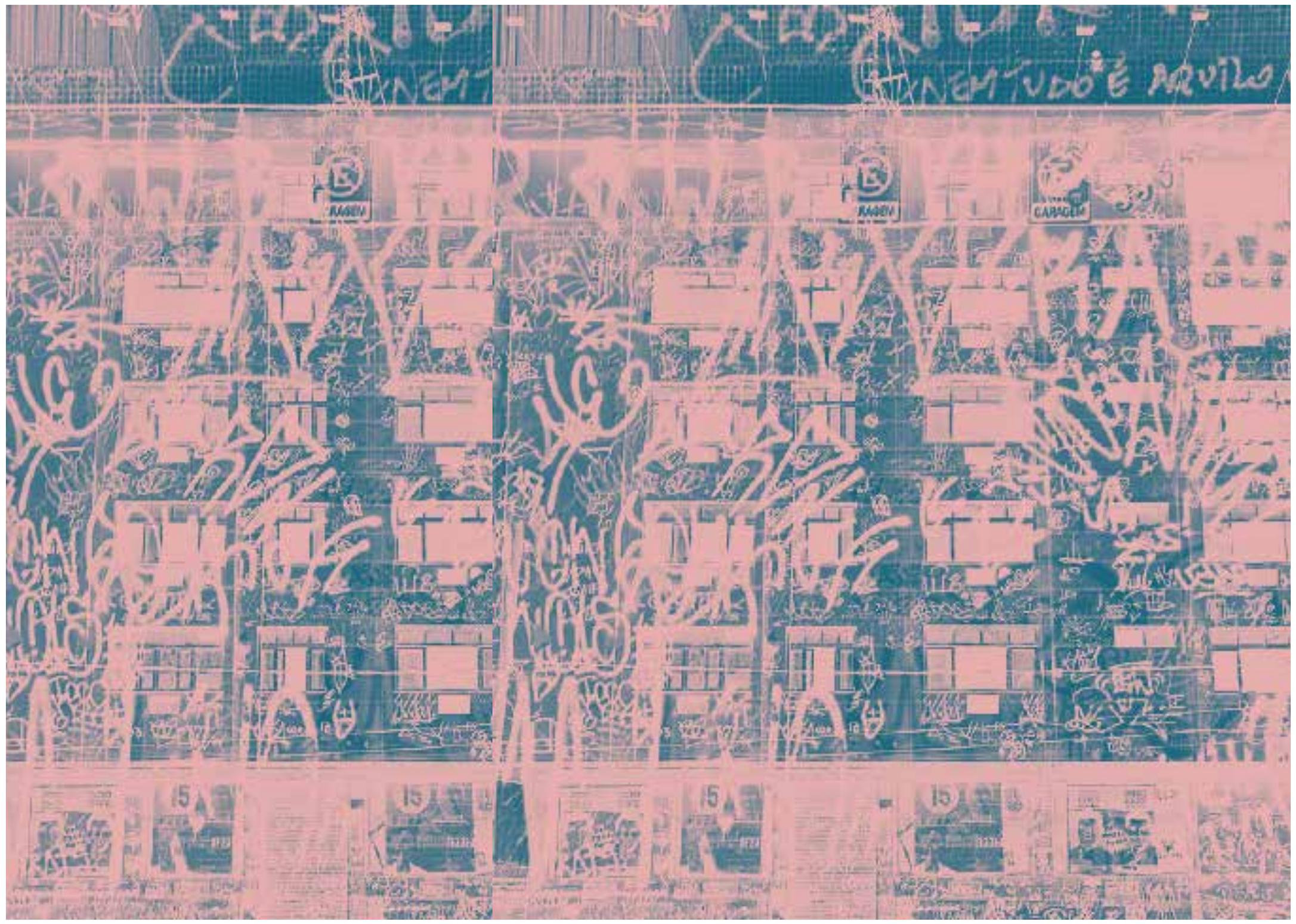
Por causa deles ninguém rouba aqui dentro da comunidade, todo mundo respeita, eu não acho certo, acho que devia acabar, fica viciando as nossas crianças todas com essas porcarias, mas a polícia não dá conta, ela desrespeita todo mundo aqui dentro, eu que sou senhora já fui desrespeitada... Sinto mais segura com os vagabundos. Meu terreiro de candomblé fica em frente à boca, quando tem festa eles entram, pedem a bênção, comem, bebem e saem na hora sem dar nenhum problema... A gente tem que respeitar, porque eles respeitam a comunidade. [49]

É importante perceber que este é um modo de vida das grandes metrópoles, em todas as grandes cidades do mundo o tráfico está presente, de diferentes formas, mas sempre presente. E é preciso ter consciência da vida dos jovens na periferia, a maioria das pesquisas relacionadas à favela trazem apenas atores isolados como líderes comunitários, senhoras e senhores de idade, adultos. Muito difícil é ouvir a voz dos jovens, também construtores destes espaços e estigmatizados como um todo homogêneo de *possíveis marginais*.

Os jovens contemporâneos, principalmente os jovens pobres e negros/pardos, excluídos das dinâmicas *civilizadas*, vivem a intensificação de mudanças sociais e a falência de nosso “sistema democrático” e são os mais aterrorizados “pela força ou violência numa organização cada vez mais policiada, onde reina a *ideologia da segurança*, forma contemporânea e, de resto enfraquecida, da felicidade” (MAFESSOLI, 2001). E numa sociedade dividida em territórios de riqueza e pobreza,

45. Informações retiradas de anotações em caderno de campo no dia 01/03/2012.

46. Informações retiradas de anotações em caderno de campo no dia 15/03/2012.



LIBERTÉ

LIBERTÉ DO É ARVILLO



onde reina o espetáculo do medo e do terror difundidos pela mídia, resta aos “*bárbaros urbanos*”, quando se é praticamente impossível ultrapassar os limites segregados da cidade, invadir ou criar formas próprias de sociabilidade como forma de marcarem suas diferenças (WACQUANT, 1997).

Conclusão – sobre a *correria loka*

Falar como os jovens, penetrar em seu mundo cinzento, dar voz aos sujeitos, não tratá-los apenas como números estatísticos, com indiferença, como é a visão da segurança pública e da maioria da sociedade. Ponto de vista difícil. A perspectiva de existência destes jovens passou a ser produzida, pela mídia, imprensa e pelo meio acadêmico a partir de uma série de nomeações e construções instituídas de “fora” para “dentro”. É através dos telejornais que na atualidade se cobre todo tipo de abordagem policial, nomeando os “vagabundos”, estes mudos sem o direito à fala. Nunca se ouve os jovens, eles são invisíveis, seu modo de falar é ininteligível, são monstros, vagabundos, vândalos. Em cada ato de exposição pública estes jovens “destacam outra lógica”, quase sempre causadora de pânico e terror. E a violência vira o espetáculo que marca a “expressão de estigmatização” de alguns jovens moradores de periferia.

Dentro desta grande teia das “experiências juvenis” a transgressão à ordem ganha um importante papel e atua na produção de uma identidade da diferença que se centra no estigma territorial, a *rebeldia toma conta da favela*. A transgressão se vê nos muros da cidade com as pixações, com os espetáculos da violência e com as escolhas quase sempre da clandestinidade, de atividades “fora da lei”. É um meio de invadir o espaço urbano que lhes foi negado, inventando seus próprios modos de se incluírem em suas teias perversas.

Os jovens moradores das periferias urbanas frequentemente se expressam através da música, de uma estética visual, da linguagem e da violência. Eles criam novos códigos, novas estéticas que marcam sua diferença dentro da cidade que lhes é negada no que tange ao trabalho, ao lazer, à cultura, à educação, à saúde, etc. A criação de novos códigos de linguagens através das gírias é um exemplo disso. Além de possibilitar um caráter secreto, funcionando como um “esconderijo”, a gíria, separadamente, “ao ser enunciada explícita uma situação, contextualiza um acontecimento. É uma demarcação, no campo da semântica social, de um modo diverso de viver, de situar-se na cidade” (DIÓGENES, 2008). Cada gíria é uma narrativa, fala de um “acontecimento”, é uma espécie de *registro social*. E foi a gíria *correria loka* que me deu pistas para chegar a uma possível conclusão sobre este trabalho.

Um dos significados dado para o verbo correr é: “ir às pressas”.

Leo acorda cedo, 6 horas da manhã, mastiga rápido um pão com margarina, toma um gole de café e sai para o *trampo*, trabalha no

almozarifado de uma instituição pública. Pega *amarelinho* lotado de gente da comunidade e desce até o bairro para pegar outro ônibus lotado. Chega no *trampo* umas 9 horas da manhã e fica até às 17 horas, tendo 1 hora de almoço. Volta pelo mesmo percurso, o ônibus continua lotado e quando chega à favela às vezes nem passa em casa, já vai direito para uma das praças, fuma um baseado com os antigos amigos da *correria*, que lhe perguntam: “*koé* mano, como foi a *correria do trampo hoje?*”.

Zóio acorda ao meio dia, nem toma café e já sai pra rua *dexavando um baseado* [50], senta num banquinho de madeira, as poucos se aglomeram alguns outros jovens, os mesmos que trabalham no *movimento* e outros amigos do bairro. Fumam o baseado rindo e conversando sobre vários assuntos, mulheres, futebol, algumas *viagens* que vêm do momento, às vezes até vagam sobre alguma *filosofia qualquer*. É aí que começa a sua *correria* diária, começam aparecer os *curió* [51], tem de dar o *perdido nos homi*, *entocar* [52] em alguma casa, beco. Dudu num dia à tarde foi fazer o *corre* da água pra galera da *firma*, foi em seu *barraco* pegou a jarra com copos e matou a *cede do bonde*.

Perguntei para um pixador de Belo Horizonte o que ele entendia por *correria*:

depende dos lados ué, tem *correria* pra tudo, pra trabalhar, roba, pixa, tudo... tipo cada um tem sua consequência né? você trabalha por que precisa, é honesto, você roba e precisa e não é certo, você pixa porque gosta ou tem outro tipo de pensamento, tipo querer ser melhor que alguém, mostrar algo pra sociedade, por aí vai. Isso que é *correria*, cada um com seu corre, cada um com seu pensamento, depende do que a pessoa faz, tudo vai ter o que é de consequência pelo corre, e mesmo sabendo que pode acontecer algo ruim, tá ligado? (Pavor PVL, conversa por facebook no dia 29/03/2013)

Angélica traficou por 17 anos de sua vida, segundo ela foi um momento de muita mordomia para ela e seu marido, fazia o corre para manter a filha que tinha nascido no meio desta complicada situação. Levantou casa, comprou carro, moto e fez a vida:

eu tive tudo que queria, de tora, pode perguntar a galera, num é Tati? Tinha de tudo, comia de tudo de bom, minha vida era mil maravilhas. E o povo de hoje não sabe levar a *correria* não, quer matar por qualquer coisa, tudo é treta, a gente soube divertir naquela época, hoje faço meus corre pra fumar minha maconha, cuidado da minha filha e da minha mãe que tá bem doentinha, coitada, mas *correria* pra mim é isso, é atitude! Tem que ter atitude, mano, para levar a vida, o que seria da minha filha se eu não fosse *correria* (...) parei de traficar porque não queria voltar pra cadeia, hoje não trafico mais não, mas sou *correria* ainda cara, cuidado da minha filha e você vai ter oportunidade de conhecer ela, a gente um dia vai comer num domingo lá em casa, *correria* pra mim é atitude pra conseguir ganhar sua vida, cada um ganha do jeito que pode. [53]

50. Dexavar o baseado é o mesmo que preparar o cigarro de maconha.

51. Em algumas comunidades é usado para designar o comprador/ usuário de droga.

Corre está relacionado com tudo aquilo que fazemos para sobreviver, “é a correria de ganhar um dinheiro, disposição para roubar”. Segundo Angélica, *correria é atitude*, ir atrás com força, com fé e garra. É “correr atrás” do seu. Hoje com 34 anos, saiu do tráfico, continua fumando *seu* baseado e mantém a filha com outra *correria*, a *do trabalho honesto*. No caso destes jovens trabalhadores precários do tráfico de drogas, este é o modo que dizem ganhar dinheiro fácil, tratam o tráfico como uma *opção de vida*, como um *trabalho* e o fazem de forma séria e dedicada, sabendo dos riscos que correm a cada segundo que estão *trampando* [54] na pista.

Grande parte das gírias utilizadas pelos jovens para se referirem às atividades do tráfico, a *correria*, são retiradas do contexto do mundo do trabalho. *Firma, patrão, escritório*, [55] *funcionário, gerente, plantão* [56] (...). Numa tarde Zóio atendeu seu celular, era sua atual namorada, foi para um canto do poste encostou e durante a conversa foi possível ouvir: “*agora não amor, estou trabalhando, quando sair do meu plantão passo no seu barraco*”. Trata-se de um trabalho que por sua natureza desafia a disciplina do trabalho imposta em nossa sociedade, ao mesmo tempo em que reafirma todas elas.

Na nossa sociedade atual o trabalho se torna um referente central de cidadania. Mas para estes jovens há uma “ausência de sentido” no trabalho, alguns dos jovens com que conversei haviam abandonado a escola (outra instituição cada vez mais desprovida de significado para os moradores de periferia) e diziam que arranjar trabalho digno era sempre uma dificuldade, por serem na maioria das vezes “negros e moradores de favela”. Vários atores das comunidades com que conversei diziam que tiveram de mentir no dia da entrevista de emprego sobre o lugar em que moravam, pegavam o comprovante de endereço de pessoas que moravam no asfalto para poderem passar pela entrevista. E se tiver sido preso a coisa fica um pouco pior, a “ressocialização” é feita com base no *estigma, da diferença*, agora não só como marca *territorial*.

Se ter acesso ao trabalho afigura-se difícil para a maioria e sem grande esperança para muitos, outros, e em primeiro lugar aqueles a quem chamamos “os jovens” – subtendido: os dos subúrbios considerados “sensíveis” –, quase não têm qualquer chance de um dia ter esses direitos. É sempre aquele mesmo fenômeno de uma forma única de sobrevivência, excludente (...). Esses “jovens”, que não se limitarão a representar “os jovens”, mas que se tornarão adultos, que envelhecerão se suas vidas lhes proporcionar vida, terão que carregar, como todo ser humano, o peso cada vez maior dos dias futuros. Mas um futuro vazio, no qual tudo que a sociedade dispõe de positivo (ou que ela dá como tal) parece que foi sistematicamente suprimido de antemão. Que podem eles esperar do futuro? Como será sua velhice, se chegarem até lá? (FORESTER, 1997, p. 58)

A *correria loka* é signo desta eterna busca por *trabalho*, para sobreviver em um mundo cada vez mais sem oportunidades. Não só os jovens, mas grande parte dos moradores de periferia, estão sempre numa *correria*

53. Relato tirado do caderno de campo no dia 28/03/2013.

54. Trabalhando.

55. Escritório é geralmente a boca, a biqueira, lugar onde se vende a droga, em alguns contextos significava também o lugar onde os jovens se reuniam para fumar um (*maconha*).

56. Na maioria das favelas que tive acesso para a pesquisa os jovens tinham os horários de trabalho, os seus plantões, que na maioria dos casos eram de 8 horas em uma determinada parte do dia, havendo um rodízio para ficar na madrugada, considerada o pior horário para o plantão.

loka. A favela é um espaço heterogêneo composto por uma diversidade imensa de modos de *sobreviver ao inferno* em que vivemos com tantas desigualdades e (des)oportunidades. Dentro destes espaços cada um tem o seu *corre* e deve ser respeitado por isso. Podemos traduzir esta experiência da *correria* pela atitude de enfrentar a situação de *crise* em que vivemos e que vai desde o ralar debaixo do sol quente vendendo *panos alvejados* no sinal na Avenida do Contorno, como perder uma noite inteira de sono na esquina do beco vendendo pedra ou trabalhando por um salário indigno em um motel do centro da cidade. “Cada um com seu corre”, já diz um ditado das comunidades populares.

Não quis fazer uma abordagem que abarcasse a realidade em si mesma do tráfico e nem desprezar estas experiências urbanas. Faz-se digno de um trabalho antropológico ter uma relação de estranhamento com esta imagem que nos parece tão familiar, a do desprezo, do medo, da desconfiança, da não esperança. Por ano são milhares de jovens negros, pardos, pobres moradores de favela sendo mortos ou presos, e muitas vezes inocentes. Nem a polícia e nem a “população” sabe distinguir quem é quem nesta guerra, que desde os “porões infectos dos navios” vem acumulando tanta violência e desprezo. Espero que minhas reflexões possam de alguma maneira abrir um caminho mais humano para a análise deste problema, sim, monstruoso, pois milhares de seres humanos estão perdendo as suas vidas no crime, mas não se pode colocar em suas costas toda a culpa e peso do mundo, este mundo que virou ele mesmo uma grande correria, um eterno jogo de sobrevivência e onde estes jovens se encontram na ponta deste imenso iceberg, fazendo seu perigoso e subversivo trabalho.

*Menderson Rivadávia Alves Amaral (Antropologia Social – UFMG) tem pesquisas ligadas à produção cultural e religiosidade negra, com trabalhos de pesquisa e educação na ONG Favela É Isso Aí e no projeto Imagens da Quebrada – Fio Cruz. Atualmente pesquisa religiosidade negra em terreiros de Candomblé Angola da Região Metropolitana de Belo Horizonte e trabalha como arte educador com oficinas de musicalização no projeto Escola Integrada na comunidade Alto Vera Cruz.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATHAYDE, Celso e MV Bill. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- BECKER. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- CANEVACCI, Máximo. **A antropologia da comunicação visual**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. **A cidade polifônica**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.
- _____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2007.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Kogan, 1989.
- HERSCHMANN, Micael (org.). **Abalando os anos 90: funk e Hip Hop – globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- JEFFREY, Alexander. “O novo movimento teórico”. In: **Revista brasileira de Ciências Sociais**, nº 4, v. 2, jun.
- KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- LIBÂNIO, Clarice (org.). **Prosa e poesia no morro, Vol. 4, Pensando as favelas de Belo Horizonte – Ensaios**. Belo Horizonte: ONG Favela é Isso Aí, 2007.
- _____. **Mapeamento do funk na zona leste de Belo Horizonte**. Projeto Banco da Memória: Pesquisa feita pelo Fundo da Infância e da Adolescência (FIA) mapeando os artistas do **funk consciente** na zona leste de Belo Horizonte. Favela É Isso Aí. Belo Horizonte, 2011.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária: ensaio de antropologia política**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001.
- MISSE, Michel. **Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro**. In: **Revista Estudos Avançados (USP)**, v. 21, nº 61, São Paulo, 2007.
- NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. **Mobilidade psicossocial – a história de Nil na cidade vivida**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Fevereiro de 2004.
- PANDOLFI, Dulce Chaves e GRZYNSZPAN, Mario (orgs.). **A favela fala: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- PBH/CEURB – UFMG. **Plano estratégico de diretrizes e intervenções para zonas de especial interesse social (planão)**. Belo Horizonte, 1999.
- SILVA, Jailson de Souza e. **Favela, alegria e dor na cidade**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.
- TELLES, Vera da Silva. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte: Editora Argvmentvm, 2010.
- URBEL. **Revista urbanização e habitação. V.1**. Prefeitura de Belo Horizonte, 2014.
- VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose – antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- WACQUANT, Lóic. **Os condenados da cidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- Complexo: Universo paralelo**. Direção: Mario Patrocínio. Portugal, 2011.
- Elas da favela**. Direção: Dafne Capella. Brasil, 2008.
- Falcão: meninos do tráfico**. Direção: MV Bill e Celso Athayde. Brasil, 2006.
- Favela on blast (Favela bolada)**. Direção: Leandro Hbl e Wesley Pentz. Brasil, 2008.